A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gallis A.; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Conheceram a pacata e burgueza Lisboa d'outros tempos, aquella simploria Lisboa, parrana e semsaber, que não dava um atomo d'assumpto para a chronica e um nome conhecido para o cadastro policial?

Hão de lembrar-se d'ella.

Accordava todos os dias a mesma hora: ingeria serenamente a *omelette* cazeira, regada com chá verde; fumava o seu charuto, e lá ia por essa Baixa fóra, caminho das repartições, vestir a manga d'alpaca já coçada dos continuos attrictos sobre o papel almasso, onde se architectam os orçamentos da fazenda e se registra o rendimento dos impostos.

A' tarde, depois de ter ganho honestamente os tantos réis do officio, voltava ao conforto dos penates, com o estomago a pedir-lhe sopa de hervagens, muito feliz na sua pobreza franciscana, muito soffredora e accommodada com a sorte que Deus lhe dera.

A' noite, quando o gaz da Havaneza punha na lama do Chiado

CINTRA—FONTE DOS PASSARINHOS

uns tons esverdeados de pantano, e as *vitrines* dos ourives brilhavam em todo o seu esplendor feerico, fazia uma sortida pelos theatros ou repotreava-se n'um *fauteuil* do Colyseu.

Succedia-se tudo isto isochronamente, como o tic-tac d'um relogio.

De longe em longe, arriscava uma orgiasinha barata no Augusto ou no Silva, com *mayonnaise* de lagosta em gabinete reservado, mas não dava escandalo. O mais que lhe acontecia era não poder ir no dia seguinte á repartição. Cifravam-se n'isto as suas estravagancias e os seus delictos.

A *reportage*, é claro, arrepelava-se, á mingoa de pasto para as chronicas chocalheiras do jornalismo noticioso: os commissarios de policia dormiam a somno solto nos seus gabinetes desertos: a guarda municipal tinha de capturar-se á si mesma, nas ruas, para não perder o uso.

Viviamos n'uma doce paz octaviana, sómente alterada, de quando em quando, por algum escandalosito da politica, d'estes que duram o tempo das rosas e que passam pelo nosso espirito sem deixar uma impressão nitida e duradoura.

Outros tempos, outros cantares. Tudo isso já lá vae de foz em fóra.

A pacatissima Lisboa de hontem, que nós conhecemos tão bem comportadinha, emancipou-se, deu em libertina, fez-se doida. Já não se respira dentro das suas portas a atmosphera calma dos passados dias. O indigena, farto de ler a prosa singela do *Diario de Noticias* e o extracto desinchabido das sessões das camaras, passou a engolphar-se nas leituras fortes de Ponson du Terrail. Enfastiado do ramerrão quotidiano, quiz experimentar sensações novas, e começou a pôr em acção os episodios melodramaticos do *Rocambole*, com uma pavorosa *mise-en-scène* d'assassinios, roubos, suicidios, tiros de rewolver, o inferno!

Lá fóra, como que obedecendo ao *mot d'ordre* agitador, cada qual se apressa em seguir-lhe as pizadas, de modo que estamos atravessando uma época de criminalidade verdadeiramente assustadora, horrivelmente lugubre, capaz de transtornar os espiritos mais fortes e de metter medo aos sujeitos menos fracos.

Lisboa, Torres Novas e Rio de Janeiro deram-se as mãos para nos trazer, ha bons oito dias, em sobresalto. D'aquem e d'além Atlantico, o negro crime campeia infrene, hasteando o seu pendão ensanguentado ou apavorando-nos com a sua asquerosa catadura de bandido.

Em Lisboa, n'aquella mesma rua Formosa, e quasi defronte d'aquella mesma casinha esguia onde, ha tempos, um guarda d'alfandega matára a amante por ciume, um misero chapelleiro sem trabalho, Francisco Pereira, assassina sua propria irmã, Maria Emilia Pereira, por não ter com que a sústentar, segundo consta. E o mais notavel é que pareciam muito amigos, que viviam—dizse, dizem os visinhos—como Deus com os anjos. Rezavam ambos, todas as noites, muitas corôas a Nossa Senhora, e em seguida cahiam no somno profundo dos infelizes, aquelle somno reparador que o Ceu lhes envia para matar a fome.

Foi n'uma d'essas noites, depois d'uma d'essas rezas devotissimas, que o Francisco Pereira deu cabo da velha irmã, machucando-lhe a cabeça com um ferro d'engommar e cortando-lhe o pescoço com uma navalha de barba. Seguidamente, dormiu sobre o caso, e de madrugada foi dizer á policia que encontrára morta a sua companheira, mas que não sabia quem a tinha assassinado. E disse-o com a maior tranquillidade, sem lagrimas, sem alvoroço, sem espanto.

Praticou elle, effectivamente, o crime, para se ver livre de mais uma bocca, que a sua negra miseria não podia sustentar? Tendo tido meios de fortuna e vendo-se hoje em continua lucta com a fome negra, não resolveriam ambos, de commum accordo, pôr ponto final nas desventuras da vida? Dar-se-ia o caso que elle promettesse matal-a e matar-se, mas não tivesse forças para commetter o ultimo attentado? Trata-se d'um imbecil ou d'um criminoso consciente? Estamos em face d'um monstro ou d'um monomaniaco sem responsabilidade moral? Não se sabe: a policia ignora-o: a opinião publica não poude ainda abraçar definitivamente qualquer das hypotheses, tão intricado e mysterioso se lhe apresenta este crime estupendo.

Francisco Pereira jura que não matou, mas não se defende, não lança sobre alguem uma simples suspeita, não faz uma unica declaração que auxilie a justiça nas suas investigações.

Foi elle o assassino? Estará innocente? E' o que se trata de apurar por todos os modos.

=Depois d'um assassinio um suicidio: uma pobre senhora de quasi noventa annos, que se arremessou da altura d'um quarto andar ás pedras da calçada, farta de viver e de sentir, saudosa d'uma filha que perdera pouco antes.

Um attentado d'estes, praticado em pleno occaso da vida, quando a morte natural não pode vir longe, com o seu linitivo para todas as dores mais cruciantes da alma, só se explica na perda completa da rasão, no desarranjo perfeito do cerebro. A sangue frio não se faz aquillo. Quem conta mais de tres quartas partes d'um seculo, aguarda, com paciencia e resignação, que Deus lhe conceda a paz eterna do tumulo.

Em todo o caso, eu curvo-me respeitoso ante o cadaver desfeito da pobre suicida. Ninguem pode prever o que fará amanhã. Tambem Catão d'Utica se matou para não sobreviver á perda da liberdade; tambem Brutus deu cabo de si, não resistindo á vergonha da perda d'uma batalha. Qualquer d'elles era mais forte que nós e que a desventurada velhinha do Largo do Corpo Santo

=No Rio de Janeiro, a enorme ladroeira do Consulado portuguez, um roubo audaciosissimo de centenas de contos, praticado com arrombamento de cofre forte e por meio de vicios de escripturação. Os auctores d'esta façanha não a realisaram de subito, diz uma folha brazileira; iam roubando pouco a pouco, desde longa data, e muito a seu salvo, sem que ninguem desse por tal.

Bem se vê que o dinheiro anda ali á rôdo! Só se percebe que ha dilapidação, quando as verbas surripiadas attingem a cifra de centos de contos! Para baixo d'aquella quantia, cada qual pode roubar á vontade e sem risco.

Hurrah pelo Brazil, srs. *escrocs* emeritos!

=Como veem, tenho-me ido esquivando a fallar do caso de Torres Novas, caso que, em verdade, me entristece devéras, pelo que significa, pelas consequencias que pode acarretar, pelo modo como a *reportage* o explorou, romantizando-o ao sabor da sua fanthasia, e, principalmente, pelo conhecido personagem que n'elle figura como heroe.

Soriano, o tão fallado Pedro Soriano, assentou-se commigo nos mesmos bancos das aulas, nasceu na mesma terra onde eu dei os primeiros passos, e isso prende, e isso obriga a umas commiserações que a alma humana não pode banir de si com facilidade.

Em face do crime, quem estiver nas circumstancias em que eu me encontro, tem talvez força—e essa tenho-a—para voltar as costas ao criminoso, mas fallece-lhe a coragem para negar uma pouca de compaixão ao desgraçado.

O author da tragedia de Torres Novas, o heroe do casamento sacrilego no predio do Rocio, o doido da *Sociedade dos terriveis*, de Faro, o falso marido de Maria Eugenia,—segundo uns branca e loira como os anjos raphaelescos, segundo outros morena e libidinosa como as filhas da Andaluzia,—será um graade criminoso, como ahi dizem, mas é tambem um infeliz, que não teve pae a guiar-lhe os passos d'adolescente.

A justiça lançou mão d'elle, e á justiça cumpre agora investigar se os tragicos acontecimentos da charneca de Torres Novas tiveram a côr negra de que os reveste a imprensa periodica: se o matrimonio offembachiano da praça de D. Pedro foi uma simples *palhaçada*, cujo alcance e fins a *noiva* não ignorava: se esta, em vez d'innocente e pura, como a pintam os chronistas romanticos, não é uma *cocotte* emerita e uma cumplice digna de desprezo.

Quando o poder judicial conseguir tudo isto, e nos mostrar o que ha de verdade n'esse pandemonio de extraordinarios delictos, caiamos, então, com todo o pezo das nossas iras, sobre os criminosos.

A imprensa, quanto a nós, tem talvez fallado de mais ácerca do assumpto, e mal vae ella quando assim procede em questões d'esta indole, não se eximindo a lançar mão da politica que envenena as intenções mais puras, a reproduzir simples boatos que quasi sempre a maldade forja, e a explorar o escandalo até aos ultimos detalhes, arrastada pelo prurido de se fazer ler.

D'uma só coisa a imprensa não se lembrou ainda. Proferiramse nomes: aureolaram-se honestidades e purezas problematicas; citaram-se victimas, mas esqueceu-se a victima principal de todos estes acontecimentos, uma velhinha respeitavel, uma senhora honesta e digna, que recebe no seu coração materno uma funda punhalada em cada promenor dos crimes que o jornalismo relata; que para ahi vive ignorada, esquecida e pobre, n'uma casinha humilde, sem ter quem lhe leve uma só das consolações prodigalisadas pelos *reporters* compadecidos á loira e branca Maria Eugenia.

A mãe de Soriano estala de dôr a um canto, desamparada e sósinha, e ninguem vota uma compaixão áquelle infortunio enorme.

O que é ser-se velho!

=E, emquanto estas sombras negras se desenrolam tetricamente, os congressistas postaes divertem-se, assistindo a incendios simulados no Rocio, e refastelando-se em banquetes reaes no ministerio dos negocios estrangeiros; a politica discute ainda a resposta á falla do throno, deixando a revisão da Carta para as kalendas gregas; e as altas summidades medicas da capital vão ver as assombrosas experiencias hypnotico-magneticas do doutor dinamarquez, Carl Hansen, um sujeito d'oculos escuros e grandes barbas castanhas, que tem o poder de nos roubar a memoria, por instantes, com os seus passes e o seu fluido poderoso.

Oxalá que elle nos fizesse esquecer tudo quanto por ahi tem succedido, n'esta semana lugubre e triste!

C. Dantas.

CANTARES

I

A que martyrio, jasmim,
Teu despreso me condemna!
Todos têm pena de mim,
Só tu de mim não tens pena!

II

Dizes que este amor é fumo
E soprastc-lhe uma vez...
Sendo assim, eu não sei como
Tal fumo não se desfez ..

MANUEL DE MOURA.

GARRETT E O SEU TEMPO

XI

Voltando da Belgica a Lisboa, lança-se energicamente Garrett na vida politica, combate com um vigor inexcedivel o ministerio no *Portuguez* resuscitado, concorre com a sua penna para a revolução de setembro, e, eleito deputado ás côrtes constituintes, começa n'esse congresso, onde tambem José Estevão se estreiou, a sua brilhante carreira de orador.

O author d'estas linhas tinha apenas doze annos quando Garrett morreu, não póde por conseguinte ouvil-o na camara, nem sequer o conheceu pessoalmente; nunca o vio, nunca escutou a sua voz sonora e grave; em compensação ouvio, e mal se pode imaginar com que enthusiasmo! a voz inspirada de José Estevão. Talvez seja por isso que eu li, com um sentimento que se approxima da indignação, as seguintes linhas no livro do sr. Gomes de Amorim:

«Chamou-se a José Estevão «primeiro orador portuguez», abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações e se dão titulos arbitrarios. Quem assim o qualificou, ouvio-o, mas parece que não o leu. E' indubitavel que elle arrebatava por vezes o auditorio: voz, gesto, olhar, e a sua bella cabeça, todas as feições, todos os movimentos de physionomia e do corpo faziam parte do seu discurso, compunham a sua eloquencia, davam vida, energia, e persuasão á palavra ardente e impetuosa. Desapparecido, porém, o tribuno, ia-se com elle a maioria das bellezas oratorias. Recorra-se aos *Diarios:* o que d'elle nos resta, com quanto se eleva ainda muito acima da mediocridade, está longe de satisfazer em tudo os que amam a correcção da forma, a maneira de vestir elegantemente as idéas e de bem exprimir o pensamento. Garrett, pelo contrario, grave, composto, nobre, severo, e solemne até, quando cumpria, foi sempre tão admirado pelos que o ouviram, como ha de sel-o eternamente pelos que o lerem,» etc.

Desafio o sr. Gomes de Amorim a que seja mais admirador de Garrett do que eu sou, mas essa admiração apaixonada não me cega a ponto que me force a rebaixar os talentos extraordinarios que viveram e brilharam ao lado do de Garrett. Que vinte e dois annos depois da morte de José Estevão, haja um escriptor que o conheceu, e que o ouvio, que diga que «se chamou a José Estevão o primeiro orador portuguez, abusando-se da facilidade com que n'este paiz se fazem classificações»!!!! Nunca esperei ler semelhante phrase senão no livro de algum chocho detractor de glorias que não comprehende!

Mas o que é mais extraordinario ainda é a justificação da phrase! Leiam-se os discursos de José Estevão, diz o sr. Gomes de Amorim, e ver-se-ha que o que ali existe, se está acima da mediocridade, está muito longe da verdadeira belleza!

Já se vê! Leia-se o pallido reflexo que nas notas tachygraphicas ficou dos maravilhosos improvisos d'esse poeta da tribuna, leia-se o extracto amortecido, incompleto, truncado d'essas admiraveis orações que nós todos ouviamos n'um enlevo, que nunca mais orador algum soube inspirar na tribuna portugueza, e avalie-se por ahi um dos primeiros tribunos não só de Portugal, mas dos tempos modernos!

Que o sr. Gomes de Amorim dissesse que um orador, se quer passar á posteridade, precisa de ser como Cicero, Garrett, ou Castelar, grande escriptor tambem, muita razão lhe encontrariamos. O orador improvisa, commove, arrebata o auditorio, depois vem para casa, reconstrue, emenda, compõe, arranja para o publico ledor esses discursos que lhe sairam dos labios candentes, na incorrecção genial da primeira inspiração.

Quantas vezes (e não applicamos esta observação a Garrett) quantas vezes esse discurso escripto é completamente diverso do discurso pronunciado! Conhece o sr. Gomes de Amorim a anecdota de Cicero. O famoso Romano, tendo de defender Milão, seu partidario, accusado do assassinio de Clodio, perturbado pelo aspecto tumultuoso do tribunal, pronunciou um discurso mediocre, e Milão foi condemnado ao exilio para Marselha.

Voltando ao remanso do seu gabinete, livre das preoccupações que o tinham assaltado em pleno tribunal, Cicero refez pacientemente o seu discurso, e escreveu a sua oração *pro Milone*, que nós hoje admiramos como uma das obras primas da eloquencia antiga. Diz-se até que, tendo enviado uma copia do seu discurso ao seu infeliz cliente, este lhe respondera, dizendo:

—Ah! se tivesses pronunciado esse discurso diante dos meus juizes, não estaria eu agora comendo os figos de Marselha!

Isto prova que a Cicero faltava uma das grandes qualidades do tribuno—a coragem. Teve-a diante de Catilina, porque estava ao seu lado a maioria do Senado; não a teve diante dos amigos de Clodio, no tribunal, quando se sentiu isolado.

Se Lamartine não fosse tambem um grande escriptor, se não tivesse podido por conseguinte recompôr admiravelmente os discursos pronunciados na praça do *Hotel de Ville* para conter o povo insurreccionado, se apenas d'esses discursos tivessemos os extractos incolores e incompletos de algum ouvinte, o que succederia? Succederia que hoje contestariamos a Lamartine, que no meio do perigo soube encontrar os accentos mais eloquentes, a palma de grande orador que iriamos dar a Cicero, que não teve comtudo no momento critico a eloquencia que só lhe sorriu de novo na placidez do seu gabinete.

Mas orador não é quem faz os seus discursos em casa, orador é aquelle que na tribuna, sob a impressão ardente dos debates ou da situação, arranca da sua alma apaixonada os discursos que arrebatam e commovem aquelles que os escutam. Esse é que é o orador, e não desconheço que uma parte do seu prestigio lhe provém da voz, do gesto, da presença. Mas tudo isso faz parte dos dotes oratorios, como o talento de dar á sua physionomia a expressão apaixonada ou tragica, á sua voz as notas lancinantes que a situação reclame, é o talento do actor. Ora o orador não é outra coisa senão a reunião n'uma só d'essas duas personalidades que na scena se separam—a do actor e a do auctor. Se essa parte do genio do orador só póde ser avaliada pelos que o viram e o ouviram, a estes ao menos cumpre dar testemunho da impressão recebida, para que a posteridade faça, em vista do seu depoimento, a justiça que os documentos escriptos a não habilitam a fazer.

Mas com José Estevão ainda succede outra coisa: é que nos seus discursos não só falta o relevo que só do seu gesto, da sua presença, da sua voz elles podiam auferir, mas falta-lhes ainda a fidelidade na copia. A tachygraphia é uma arte infantil que entre nós pelo menos dá os mais lamentaveis resultados. De um discurso que na camara se pronuncia o que chega ás notas tachygraphicas são pedaços descosidos, com as imagens desbotadas, com o pensamento incomprehensivel, com as idéas muitas vezes contradictorias. O orador lá arranja isso, como póde, e põe o discurso em estado de ser lido, mas esse discurso nunca é o discurso exacto que elle proferiu. Imagine-se o que succederia a José Estevão, que não revia os seus discursos, que deixava por conseguinte os tachygraphos ligarem uns aos outros os trechos dos seus discursos mal apanhados com banalidades de sua lavra, que substituiam assim para o futuro, para a posteridade, as expressões pittorescas e imaginosas do eminente orador.

Que um escriptor moderno, que nunca ouviu José Estevão, ao ler essas pallidas notas tachygraphicas que ahi andam pelos *Diarios*, duvide do genio do tribuno eminente, vá! mas que o sr. Gomes de Amorim, que o ouviu, que sentiu de certo circular nas suas veias o fogo com que nos incendiam a todos as palavras ardentissimas de José Estevão, venha animar a injustiça provavel da posteridade com as suas palavras crueis e injustissimas, é o que deveras se não comprehende, a não ser que a admiração do biographo pelo biographado o levasse a querer deprimir todos os que poderam achar-se um dia em competencia com o maravilhoso heroe do seu livro.

Eu porém, que ouvi José Estevão, eu que senti correrem-me as lagrimas pelas minhas faces imberbes de adolescente, quando elle ergueu a sua voz patriotica para pronunciar aquelle maravilhoso discurso do *Charles et George*, sinto que devo protestar contra as expressões injustissimas do sr. Gomes de Amorim, e bradar bem alto que não imagino que se podesse ir em eloquencia tribunicia mais longe do que ia José Estevão. Confesso porém que José Estevão não era dos oradores que escrevem, pertencia á raça dos Demosthenes mais do que á raça dos Ciceros, era tão incapaz de pronunciar no tribunal, perante uma assembléa qualquer, por mais hostil e mais tempestuosa que fosse, o discurso frouxissimo que a favor de Milão Cicero pronunciou, como era incapaz de escrever depois no gabinete a admiravel *orationem pro Milone* que Cicero escreveu. Por isso corre muito serios riscos de lhe fazer a posteridade a injustiça, que o sr. Gomes de Amorim, que o conheceu e o ouviu, lhe não devia fazer.

PINHEIRO CHAGAS.

ARRULHOS

O' minha noiva, acredita,
Ando a scismar, a scismar,
Mas olha, cousa esquisita,
Não sou capaz de encontrar
Um tratamento catita,

ESPERA, QUE EU JÁ VENHO!

DANDO DE COMER AOS POMBOS

UM TROPHEO DA BATALHA

Qualquer maneira mimosa
De te chamar—que tal'stá!—
De te chamar minha esposa
E de caminho—eu sei lá!—
Meiga, travessa, formosa.

Vejamos pois: minha estrella...
Isto é sediço, bem vês,
Meu sol?... meu bem?... minha aquella?...
Oh santo Deus, por quem és,
Como é que chamas por ella?

Estes mofinos poetas
Levaram tudo, Senhor!
Porque esgotaram, patetas,
O diccionario do amor
Em poesias selectas?

E eu que me canse em procura
D'um tratamento gentil...
E' já rançosa a figura,
Senão chamava-lhe abril,
Rosa da minha ventura,

Ou cousa assim d'este lote,
Não ha remedio, não ha;
—Prego na França um calote—
De hoje em diante, olha lá,
Chamo-te—minha *Mascotte*.

JOAQUIM LIMA.

AS NOSSAS GRAVURAS

CINTRA—FONTE DOS PASSARINHOS

A nossa gravura falla por si mesma.

Quem ha ahi hoje que não conheça Cintra? E quem ha que, conhecendo Cintra, não conheça a encantadora fonte dos Passarinhos?

Dir-se-ia que, no murmurio d'aquellas aguas, gemem os eccos melancholicos d'aquelle sitio, que parece derivar o nome de—Pena—da tristeza que sobre elle paira.

E, todavia, que frescor, que embalsamadas brisas, que suavissimos perfumes!

Costumam os namorados entalhar nos troncos das arvores annosas os nomes que teem escriptos no peito; pois bem, n'aquelle ameno sitio basta exhalar esses nomes em doces suspiros, para que as auras os repitam em suaves harmonias.

ESPERA, QUE EU JÁ VENHO!

O papagaio matreiro vê-a passar, levando uma provisão de gulodices; e, acostumado a que o sirvam a tempo e a horas, não consente delongas, quer ser o primeiro a saborear o contheudo da bandeja.

Na sua impaciencia de papagaio mimoso e mal creado, morde o vestido da pequenina dona, e é capaz de lhe morder mais alguma cousa, se ella não voltar depressa, com as paparocas do estylo, como promette.

Perdido de mimos, este *loiro*!

UM TROPHEO DA BATALHA

Assim se batiam os antigos e assim pelejam os contemporaneos, a despeito da *civilisação* do seculo: olho por olho, dente por dente. Os actuaes processos de matar serão outros, mas não são menos barbaros. Que o diga a moderna campanha entre francezes e chinas, que o diga a medonha guerra entre inglezes e egypcios.

Aquelle façanhudo guerreiro da nossa estampa cortou d'um só golpe a cabeça ao altivo moiro inimigo, e lá a leva espetada na lança, como tropheo gloriosissimo da batalha. Vae contente de si, pela proeza, e mais contente ainda pelos despojos que lhe ficaram do prelio.

O corpo exanime do vencido lá fica, insepulto no campo, mas o vencedor afasta-se, fazendo trotar o seu ginete, e lançando ainda um olhar feroz sobre o cadaver do desgraçado.

A guerra é isto.

DANDO DE COMER AOS POMBOS

Elles já a conhecem. Presentem-n'a a grandes distancias, chegam mesmo a adivinhal-a. A horas certas, veem aos bandos, de longe, dos seus ninhos tepidos, dos pombaes confortaveis onde arrulham amores, deliciar-se nos banquetes que a sua doce amiga lhes prepara. E esvoaçam alegres, e agitam as brancas azas doidamente, e beijam-n'a com meiguice affectuosa, reconhecidos e ternos. Ella adora-os, e cuida d'elles como se fossem seus filhos.

Bonito quadro, e formoso pensamento d'artista!

O CASTELLO ABANDONADO

Foi theatro de scenas gloriosas e homericas. Aquella mesma lua, que além brilha entre pequeninas nuvens cinzentas, e as aguas d'aquelle mesmo rio, que ali corre murmurando suavemente, foram testemunhas do seu passado de grandezas, viram como se combateu dentro dos seus muros soberbos, ao abrigo dos seus fossos enormes.

Hoje está velho e abandonado. Em cada buraco aberto pelas balas nas suas ameias, nasceu uma planta damninha: as hervas crescem no alto das suas torres outr'ora formidaveis e altivas.

Ninguem ousa abeirar-se do pobre castello meio derrocado. A tradição conta que vagueiam lá dentro almas penadas. O aldeão que se afoita nas suas visinhanças, faz o signal da cruz, e apressa o passo, espavorido.

Quem o viu e quem o vê!

Se um palacio tivesse rendilhado
no manuelino estylo primoroso,
onde avultasse um portico sumptuoso
pelo cinzel de Phidias trabalhado,

onde pasmasse o olhar todo enlevado
nas telas d'um Corregio portentoso,
n'um luxo do Oriente, ebrio de gozo,
de volupia n'um sonho mergulhado,

onde a vista cegasse a alvura rara
lasciva, sensual e coruscante
dos marmores eburneos de Carrara;

palacio, telas, luxo fascinante,
marmores sensuaes, tudo eu trocára
só por um beijo teu, oh minha amante!

LEON CERBA

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

MORENO VIDAL.—Temos cá, para hirem sahindo, muitas gravuras de monumentos portuguezes. Quando ellas se acabarem, aceitaremos o favor.

ALFREDO L.—Coimbra.—Accusamos a recepção do conto. Como é grande, fica de remissa.

F. A. FERREIRA.—Rio.—A *Fada* não está muito nas condições, mas veremos o que se pode arranjar.

SILVESTRE JOSÉ FERNANDES.—Braga.—Para a acquisição do premio a que tem direito, deve dirigir-se ao author da pergunta enigmatica, e não a nós.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este homem baptisou-se na egreja—1—2.

Anda na musica este animal—2—1.

Duas vezes este pronome se mostra alegre n'este instrumento—1—1—1.

Na musica nega esta moeda—1—1.

ZÉ FUNÉ.

E' doce em Roma esta ave—1—1.

PERPETUA.

Esta pedra e este fructo acompanha o soldado na marcha—1—2.

Esta lettra conduz uma ave—1—2.

Brunhozo. PADRE LEITE VELHO.

EM VERSO

(Ao Pequeno Antonino)

Retribuição

Troque n'estas uma letra,
Porém troque por vogal,
Que verá, depois da troca,
No que fica, um animal.—2

Troque n'estas uma letra,
Porém troque por vogal,

Que verá, depois da troca,
No que fica, numeral.—2.

Junte agora as duas partes,
Mas sem nada lhe trocar,
E verá que tal conceito
O senhor costuma uzar.

CARMO E SOUZA.

MATHEMATICA

Qual é o numero que, se lhe escrevermos 10 á esquerda, fica egual a 40?

Aviz. JOSÉ DA CRUZ.

EM QUADRO

— — — Esta joia
— — — E' de Roma
— — — E da artilheria

Barquinha. UM ASSIGNANTE.

LOGOGRIPHO

(A Cladio Paes Rebello)

Villa—1—4—10—7
Cidade—12—4—1—7—10
Villa—8—4—15—11
Cidade—5—2—4—8—16
Villa—4—10—2—2—8—9—10—7—14—16
Cidade—8—4—14—3—7—1

Villa

Aviz. JOSÉ DA CRUZ.

ADAGIO

t
i d
r r r r e h d f h m
r s s s e o n n n p
e o
e o
a o
a o
a o
a o
ã s a i s ã

Este adagio começa pela negativa *não*, e termina pela syllaba *do*.

FIDE LIDADE.

PROBLEMA

Quaes são os numeros inteiros, cujo producto por 8 augmentado de *1*, produz quadrados perfeitos?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Silvano—Airosa—Josefa— Capote — Socegado—Co di go
di rei to
go to so
DA PERGUNTA ENIGMATICA:—Tigre.
DO LOGOGRIPHO:—Rosalina.
DO PROBLEMA:—Os numeros são 7, 15 e 48.

A RIR

Acabava de confessar-se um larapio, apparentemente contricto e arrependido, mas a quem a força do costume obrigou a roubar o relogio ao confessor, emquanto este o absolvia.

O padre notou aquella *fraqueza*, e exclamou, levantando as mãos ao ceu:

—Meu filho! é possivel que não tenhas força de vontade?!

—Não é isso, padre, respondeu o meliante. Apoderei-me do seu relogio para ver a hora a que começa o meu arrependimento.

*

Um deputado anda visitando varias terras do seu circulo.

Na villa de... o medico da localidade, que é, ao mesmo tempo, presidente da camara municipal, mostra-lhe tudo quanto ha na terra.

Chegam ao cemiterio. Era o que faltava ver.

A' porta, o esculapio insta para que o deputado entre primeiro.

—Nada, não senhor, responde o pae da patria entre-sorrindo. Depois de v. ex.ª...

—Eu exijo, torna o doutor.

—N'esse caso, obedeço. *Está em sua casa!...*

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

As batatas cruas ou raladas empregam-se muitas vezes como cataplasma refrigerante sobre as queimaduras e as ulceras.

Cozidas e reduzidas a massa, são emolientes e calmantes.

Nos banhos dos pés, a batata ralada actua como o sub-carbonato de potassa, provocando a vermelhidão da pelle. Acalma as dores de cabeça com mais rapidez que a farinha de mostarda, sem irritar a epiderme.

CARTAS AFRICANAS

(Á SR.ª CONDESSA DE...)

A'quella hora da noite era frequente encontrarem-se, rastejando pelo caminho, as viboras negras, as cuspideiras, e outros specimens com identicos merecimentos. O cheiro desagradavel era produzido pelo fumo de sapatos velhos queimados, que dizem ser unico remedio para afugentar as serpentes.

Era a ultima noite que devia passar em Jogoni. Ao despedir-me, quando entrava para a palhota, disse: Estou descontente: passar oito dias em pleno sertão, e nem sequer ter avistado um tigre, é estupido!

As palhotas são de caniço, cobertas de palha, e de fórma conica. A porta que as fecha não tem ferragem nem segurança alguma.

Começava a conciliar o somno, povoado d'aquellas figuras grotescas e phantasticas que se me afiguravam uma legião de demonios dansando n'um festim *infernal*. De repente, todas as minhas fibras estremecem, todos os meus cabellos se erriçam! Os cavernosos berros d'uma fera, tigre ou leopardo, ouvem-se junto á palhota: o bicho estava ali mesmo arrumado, podendo metter a porta dentro só ao roçar por ella.

Meu marido, acordando sobresaltado, lançou mão d'uma azagaia, a primeira arma que se lhe offereceu. Eu corri á porta e encostei-lhe tudo quanto lá tinha dentro: espéquei-a com uma cama de viagem. Depois, carreguei o meu rewolver, e atirei-me para cima da quitanda, com o espirito bastante desasocegado.

Decididamente o meu forte não é medir-me com féras!

Meu marido, descançado com o entrincheiramento da *posição*, acabou por adormecer, com o que muito me indignei!

Os cães latiam furiosamente. A féra, ora se afastava, ora se approximava, deixando ouvir um rosnar inteiramente semelhante ao som que produz um serrote em madeira secca: vinha tão proximo, que lhe sentia ranger os dentes e soprar como um gato. Estava esfaimada, e se me não comeu, logrou, pelo menos, fazer-me passar uma péssima noite. Só desappareceu com os primeiros alvores da madrugada.

Pensa, querida condessa, na sensação picante d'uma noite assim passada!

Um tigre acalentando-nos o somno, com uns frageis caniços de permeio!

No dia seguinte, ao notarem as pégadas do animal em torno da minha palhota, faziam grande motejo da coincidencia da visita, quando eu tinha lamentado a ausencia d'aquelles potentados do sertão.

O bicho *soube*, diziam-me—e veiu então cumprimental-a, para que não sahisse dos seus dominios atirando-lhe com o epitheto de malcreado.

A's sete horas da manhã dava o adeus de despedida ás serras ondulantes de Jogoni, cobertas de matto e florestas virgens: e, com a cabeça *cheia de tigres*, embarcava para Mongo.

O Mongo, disse-me o major Serpa Pinto a ultima vez que aqui esteve de passagem para a sua actual exploração ao Nyassa, «é o sitio mais formoso que tenho visto em toda a Africa por mim percorrida.» E de facto, quando attingindo o dorso da serra, a vista se alonga pelas vertentes que ostentam com opulencia as magnificencias da luxuriante vegetação africana, descendo em extenso declive até á bacia do Mongo, que se desdobra ante a praia coberta de palmares, e se restringe, na margem opposta, ao sopé da serra aprumada e verdejante, que limita o horisonte, sente-se, como n'um templo sumptuoso, o recolhimento contemplativo que infunde a magestade da natureza grandiosa! e o mundo que deixámos, esse mundo agitado d'além mar, é como um sonho vago e distante, que se desfez no seio d'estas longiquas solidões, que nos avivam a consciencia da longitude, a saudade e o receio da eterna ausencia!

As duas janellas e a porta que formam a fachada principal da casa em que nos hospedámos, abrem sobre um balcão corrido, ensombrado por enormes maforreiros, e exteriormente revestido de jasmineiros, que exhalam um aroma penetrante. A' esquerda fica a horta, e para a direita um jardim em rampa, descendo até á praia. Ao fundo do jardim ha uma pallota, onde se installou o secretario que nos acompanha.

Entrando em casa, depara-se-nos uma multidão de jornaes e livros, e um grande realejo, que nos delicia os ouvidos, desenrolando o seu vasto reportorio ás mãos do moleque Paiamuta. Expulsos das cidades, apupados pela civilisada geração moderna, era aqui, no imperio dos seus alliados macacos, que deviam refugiar-se os vilipendiados realejos! aqui, onde teriam uma gloriosa existencia, triumphantes das humilhações que soffrem entre os homens. Venham para cá, venham!

. . . .

Mas .. como vieram vossas magestades aqui parar?!... exclamo surprehendida, ao entrar no meu quarto. Catharina de Medicis, e Maria Thereza, imperatriz d'Austria, parecem guardar o meu somno, postadas, como sentinellas, aos lados do meu leito d'amplos cortinados. A primeira destaca-se da téla com os cabellos erguidos em topete. Tem o olhar frio e firme, e um certo sorriso mysterioso, satanico, que deveria ter-lhe animado as feições correctas ao presenciar as *gentilezas de S. Bartholomeu*. Faz-me calafrios aquelle olhar e aquelle diabolico sorriso de panthera humana; é peior que sentir ronear o tigre de Jogoni. Pela ultima vez cedo á tentação d'entreabrir as cortinas e fixal-a; faço-lhe uma careta e viro-me para o outro lado.

Então vejo descer sobre mim o olhar nobre e doce de Maria Thereza d'Austria. Prende aos cabellos uma ligeira mantilha de renda, cruzada sobre o collo esculptural. Nas feições puras e bellas transparece a magestade serena d'uma alma superiora e sã; mas... contemplando-a, figura-se-me ver, reclinada n'aquelle seio, um adoravel cabeça loira que os labios da imperatriz acariciam com amor... diviso depois a mesma formosa cabeça rolar no patibulo, tendo por algoz um povo inteiro, e... *civilisado*. Apago a luz para poder dormir, dando a preferencia ao tigre da noite precedente. No dia seguinte, quando abri a janella, já o nosso companheiro estava no balcão, lendo, e balouçando-se na cadeira.

O CASTELLO ABANDONADO

—Dormiu bem? lhe perguntei.

—Nem por isso.. tive *duas companheiras*, sem as quaes teria passado melhor noite.

—Ah! já sei!... Pois saiba que tambem eu *as* tive!...

—O que? tambem *duas*...? e da mesma especie?...

—Provavelmente... Catharina de Medicis, Maria Thereza d'Austria...

—Hein?!...

—Sim, presumo que as suas fossem para ahi... Catharina da Russia .. Izabel d'Inglaterra ..

—Hein?! . Não percebo, mas não tive *lá d'essa gente*. As minhas companheiras, menos illustres mas não menos terriveis, foram duas cobras, que matei, auxiliado pelo moleque Ifaquane.

—Vou pedir para Lisboa um carregamento de sapatos velhos. E lá a deitarem-n'os fora! que desperdicio!...

Da bacia do Mongo, em que entram tambem as aguas do oceano, partem os rigos bracejando para todos os lados, ramificando-se em numerosos canaletes que penetram por entre os mangaes. O mangal é a floresta aquatica, frondosa e exuberante, enraizada no leito das aguas, e povoada pelo reino alado.

Deliciosas caçadas ahi faziamos, em pequenos barcos deslisando serenos pelas aguas espelhentas, ao abrigo da sombra do arvoredo enlaçado, a formar, em alguns sitios, abobadas de folhagem. Os bandos de garças mostravam-n'os a sua branca e fina plumagem. Os maçaricos reaes e os patos mergulhões cahiam á pontaria certeira do habil caçador que nos acompanhava.

A cada tiro levantavam-se bandos d'aves de variadissimas cores e formas, soltando gritos d'alarme e fugindo em todas as direcções, emquanto que um ou outro macaco se escondia e espreitava, fazendo-nos caretas e negaças.

—Terei conseguido, querida condessa, com a perspectiva d'estes quadros, projectar um raio de sol tropical nos lençoes de neve que te envolvem e nas brancas cumiadas, erguidas como vedetas, entre o teu saudoso ninho e o teu frio e cruel exilio?! Se assim for, dize-m'o, que tenho muito mais que te contar. Mas olha que os taes *senhores dos governos* teem-nos pregado boas peças!

Africa Oriental, 1—12—84.

HORTENSIA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.°, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA